

A BUSCA INCANSÁVEL DO SER HUMANO PRESENTE NA OBRA *A FLOR DO LADO DE LÁ* DE ROGER MELLO

Kelly Pellizari¹
Lindalva Ferreira de Aguiar²

RESUMO

Este artigo fundamenta-se na área da Literatura Infanto-Juvenil e versa sobre a temática da formação de um leitor crítico por meio de histórias ilustradas. Tomando como objeto de estudo uma obra de Roger Mello, *A Flor do lado de Lá*. Objetiva-se elaborar uma análise das possíveis leituras que esta obra proporciona, contextualizando a incansável busca do ser humano, representado na história pelo desejo da anta de obter a flor distante, sem se dar conta da imensidão de flores a suas costas.

Palavras-chave: análise, criança, ilustração, aprendizagem.

A Literatura Infanto-Juvenil tem função primordial no âmbito escolar, pois é um recurso imprescindível no processo de ensino-aprendizagem, mas nem sempre usada adequadamente, logo reflete na qualidade da formação de leitores e de modo geral na qualidade da educação.

Acreditamos que falta uma maior democratização do acesso a Literatura Infanto-Juvenil, visto que, o custo para aquisição dos livros é alto, tanto para as escolas públicas quanto para o público que a frequenta. Se a mídia eletrônica fosse mais utilizada para este fim, teríamos mais leitores, pois o governo tem aplicado uma quantidade considerável de recursos em laboratórios de informática nas escolas públicas.

Diante do atual cenário promissor, o público leitor tem aumentado. A obra do autor Roger Mello, no campo das imagens *A flor do lado de lá* desperta o interesse da criança e a desafia a criar uma história que justifique as imagens, animais com sentimentos humanos.

Ilustrador e autor de livros infantis, Roger Mello tem se destacado como um dos nomes mais aclamados pela crítica e pelo público. Além de muito criativas, suas obras

¹ UNEMAT. Graduanda do 5º semestre do curso de letras, campus de Sinop/MT.
E-mail: kyp1_pl@hotmail.com

² UNEMAT. Graduada em letras. Professora de língua portuguesa na rede municipal de Sinop/MT.
E-mail: d_alvaaguiar@hotmail.com

buscam, desenvolver as ideias, o imaginário e a criatividade das crianças, instigando assim, o senso crítico dos leitores desde a infância. “Toda criança é autora e criadora, faz parte de seu dom natural”³.

O autor dá preferência às cores fortes e quentes, seus traços são carregados de dramaticidade e espírito. Escreve e/ou ilustra adaptações de lendas e histórias do folclore, revelando matizes da alma e dos feitos do povo. Dentre as obras mais conhecidas deste artista contemporâneo estão: *A flor do lado de lá* (1990), *O gato Viriato* (1993), *O próximo dinossauro* (1995), *Viriato e o leão* (1996), *Bumba meu boi bumbá* (1996), *Maria Teresa* (1996), *Cavalcadas de Pirenópolis* (1997), *Griso, o unicórnio* (1997), *A Pipa* (1997), *Zubair e os Labirintos* (2007).

Roger Mello aparece como um dos autores contemporâneos com destaque no cenário da Literatura Infanto-juvenil, mais direcionado para as crianças que estão iniciando a aprendizagem, tanto pelas obras escritas como pelas ilustradas, e como reconhecimento disso recebeu vários prêmios, além do mencionado no parágrafo anterior, dentre eles: Prêmio FNLIJ 2001, categoria Melhor Ilustração e categoria criança (Hors-Concours), com o livro *Meninos do Mangue* (2001) e 2005 com o livro *João por um fio*; Prêmio FNLIJ 2002, categoria Criança, com o livro *Vizinho, Vizinha* (2002) e Prêmio Jabuti 2002, categoria Literatura Infanto-Juvenil e categoria Ilustração Infanto-Juvenil com o mesmo livro.

Em meio a tantas obras, escolhemos *A Flor do Lado de Lá*, para fazermos uma análise, que buscará demonstrar como os textos de imagens, ajudam na formação de um leitor crítico. Este processo de aprendizagem pode iniciar mesmo na primeira infância, com textos ilustrados, sem palavras, que farão com que as crianças criem dentro de “seu mundo” um sentido para aquelas figuras, instigando assim, o desenvolvimento cognitivo, o raciocínio lógico e o senso crítico desde cedo.

A cada dia ouvimos falar sobre o processo de aprendizagem de nossos filhos, direcionando as escolas o dever de alfabetizá-los, ensiná-los, torná-los sujeitos leitores, críticos sociais. Porém, não nos damos conta, de que este processo inicia-se em nossas casas, nossos lares, a primeira escola da criança. Abramovich defende a ideia que o ensino da aprendizagem da criança inicia com o fato dela ouvir história, aquelas que contamos a nossos filhos ou não.

³ Fala de Roger Mello, na 54ª Festa do Livro de Parati/RJ, 2007.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir, muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... (ABRAMOVICH, 1989, p. 16).

Nesta concepção, a autora expressa o universo desconhecido que se apresenta diante das crianças, que de maneira adequada, quando apresentado para os pequenos, pode instigá-los a um aprendizado antes mesmo da alfabetização. Deste modo, as crianças chegariam à escola com uma aprendizagem em andamento, o início de uma lapidação que se dará aos poucos, com a cooperação dos pais juntamente com a escola.

As histórias infantis não servem apenas para entreter as crianças, sua colaboração no processo de aprendizagem vai muito, além disso. Conforme elucida Abramovich:

É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impactos, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo... É a cada vez ir se identificando com outras personagens (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas... (ABRAMOVICH, 1989, p. 17).

Percebemos então, o quanto as histórias podem representar e os pontos que podem ser abordados por meio delas, se as utilizarmos como uma das tantas ferramentas no processo de ensino aprendizagem, principalmente na alfabetização de nossas crianças.

Se ao contarmos histórias para as crianças, um “mundo novo” se abre diante delas, o ato de visualizar estas histórias pode instigar ainda mais a criança, as primeiras comparações do “mundo” ilusório, imaginário para o mundo a qual ela está inserida, claro que de forma bem simplificada para o mundo do adulto, mas complexo para o mundo da criança, e no universo infantil surgirá as interrogações e conseqüentemente a busca por respostas, mas neste ato inicia-se os primeiros passos para uma visão crítica e

o aprendizado, por elas a ser adquiridos ao longo da vida e de seus estudos, em saber diferenciar, mesmo que de maneira simples, uma instância de outra.

Quanto à importância das histórias sem texto verbal para a aprendizagem das crianças Abremovich defende a ideia de que juntamente com o talento dos ilustradores e sua capacidade de tornar visível uma história, forneça suporte para que a criança crie outros sentidos para elas, de acordo com a capacidade de criatividade e de conhecimento adquiridos ao longo do processo de aprendizagem.

[...] AO PRESCINDIR DO VERBO, DÃO TODA POSSIBILIDADE PARA QUE A CRIANÇA O USE... Oralizando essas histórias, colocando um texto verbal, desenvolvendo algumas das situações apenas sugeridas (personagens que aparecem apenas como figuração, como elemento de perturbação do todo ou para salientar um momento ou uma possibilidade insólita), ampliando um detalhe proposto e daí refazendo o todo, de modo novo e pessoal...Criando uma história a partir duma cena colocada, misturando várias, musicalizando alguma relação, sonorizando uma descoberta feita, inventando enfim as possibilidades mil que narrativas apenas visuais (quando inteligentes e bem-feitas) permitem e estimulam... (ABRAMOVICH, 1989, p. 32-33).

Assim, podemos justificar a escolha de nosso objeto de estudo, um texto ilustrado, pelo talentoso Roger Mello, como proposta de aprendizagem para a criança. Considerando todo um contexto entre a obra e o “mundo infantil”.

Na obra *A Flor do Lado de Lá*, Mello por meio de um texto sem palavras, trata do súbito interesse de uma anta por uma florzinha. Mas infelizmente a anta não pode chegar perto da flor, pois existem obstáculos entre elas. Às vezes, desejamos a felicidade que está longe, sem perceber que ela também pode estar pertinho de nós, é só olhar em volta. Diante da obra ilustrada nos atemos primeiramente à simbologia dos personagens, para posteriormente fazermos uma relação entre eles.

Encontramos no Mini Aurélio a seguinte definição para anta: *Substantivo feminino.*

1. Zool. Mamífero tapirídeo, pardo, de até 180 quilos, que chega a 2m de comprimento por 1m de altura e tem focinho prolongado em tromba; tapir. 1 s2g. 2. Bras. Pessoa pouco inteligente. E num conceito vulgar é a sigla de: Asno Não Tolerável e Abobalhado. Na linguagem indígena, quer dizer grande animal que abre caminhos pela

floresta, isto porque quando sai correndo quebra as pequenas árvores e arbustos que encontra pela frente. A aparência da anta é um tanto esquisita: o corpo lembra um porco; a tromba, um elefante; as orelhas, um cavalo; os cascos, um boi. Estas características juntas tornam a personagem ambivalente, pois num primeiro olhar questiona que animal de fato representa. A anta é a personagem central da obra em estudo de Roger Mello.

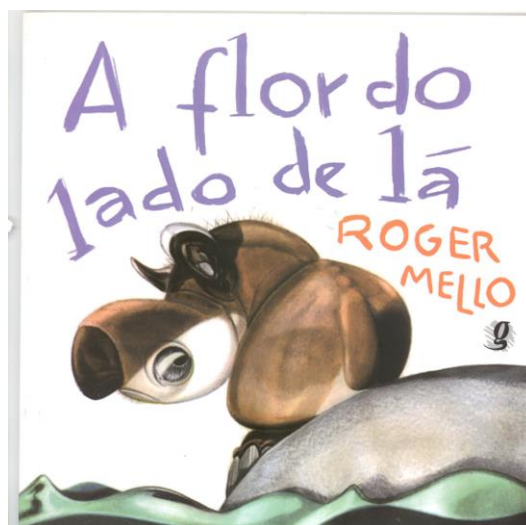


Figura 1: Capa 1ª.

Do outro lado temos a flor, que para Novalis, é símbolo do amor e da harmonia que caracterizam a natureza primordial; a flor identifica-se ao simbolismo da infância e, de certo modo, ao do *estado edêmico*⁴. Bela, frágil de cor vermelha, a cor do desejo e da paixão. Solitária, seu caule apresenta a forma de um “S”, as pétalas voltadas para anta, hipnotizando-a como uma serpente.

⁴ Dicionário de Símbolos, Jean Chevalier, 1993.

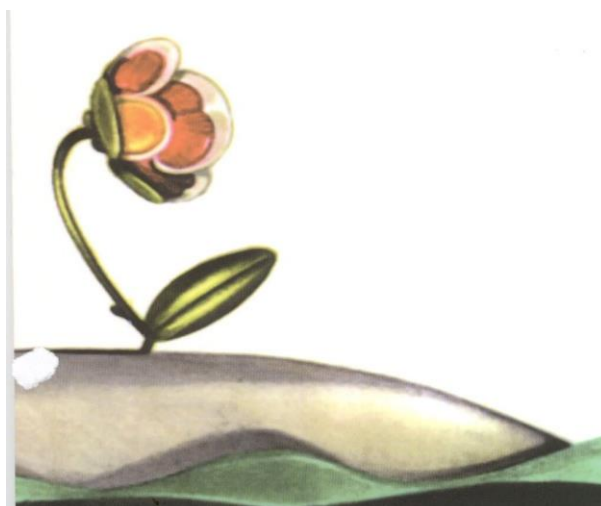


Figura 2: Recorte da Capa 4ª.

No cenário que separa a anta da flor: temos o mar, que segundo as informações contidas no dicionário de símbolos de Jean Chevaleir, simboliza:

[...] a dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos. Água em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes as realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é a de incerteza, de dúvida, de indecisão, e que pode se concluir bem ou mal (CHEVALEIR, 1993, p. 592).

Para a literatura e a geografia o mar representa a separação, sua grandiosidade também pode figurar o medo da anta, em obter o objeto desejado, a flor. Na primeira, a saudade dos que ficam em relação aos que partem bem definido na poesia de Camões e, na segunda, separação entre uma porção de terra e outra. Que em *A flor do lado de lá* representa a dificuldade de ter o objeto de desejo.

No decorrer da narrativa aparece o golfinho, figura, também ligada às águas e as transformações⁵, já a aranha, caracterizada pela fragilidade evoca uma realidade de aparências ilusórias, que podemos questionar sobre a visão realista ou ilusória da anta. A baleia tem uma simbologia relacionada à obscuridade, o intermediário entre dois extremos. Também se pode fazer uma ligação com o medo que aflige o ser humano do “novo” e daquilo que ele almeja, do que está distante de suas mãos. O golfinho tira a

⁵ Idem 5.

anta do mar deixando-a novamente no lugar oposto a flor. As cores que retratam esta cena são quentes e alegres assim como também são os golfinhos.

Para expressar os momentos de tristeza e angústia da personagem, Mello utiliza como recurso a ausência de cor, tons branco, cinza e preto.



Figura 3: p. 4 e 5

A personagem central, na figura da anta, nos transmite com muita delicadeza seu estado de espírito que vai de alto a baixo, num virar de página, suas emoções são retratadas com tanta fidelidade, que os traços parecem dar vida própria aos desenhos. Sensação fantástica, caracterizada pela legitimidade das ilustrações que causam emoções instantâneas no leitor, seja ele criança ou não. Basta observar as imagens a baixo para constatar a veracidade da emoção.

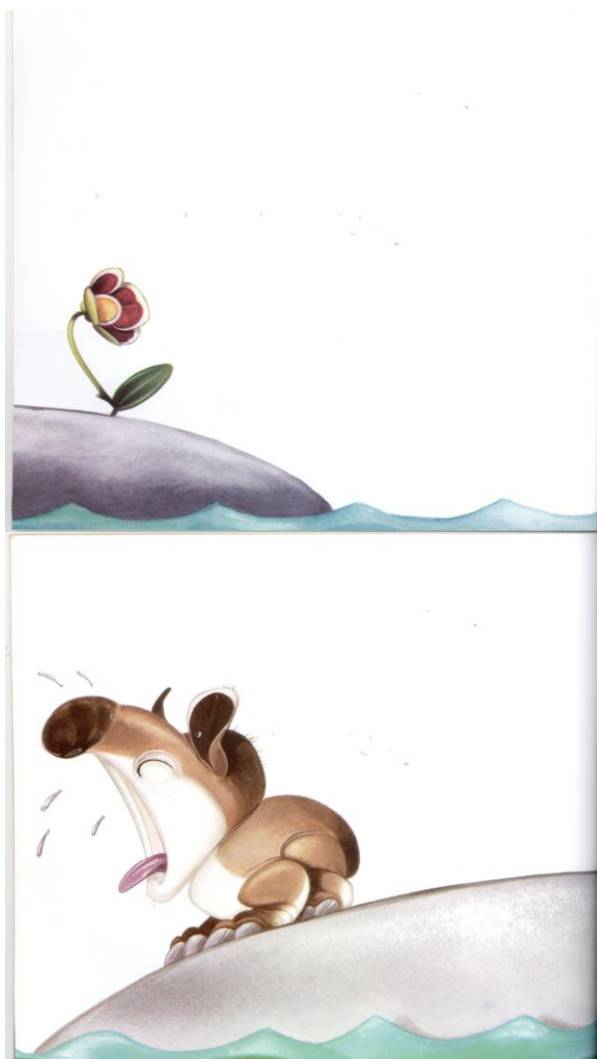


Figura 4: Recorte do Livro p. 6 e 32.

A ambivalência das ilustrações contidas na obra pode ser uma leitura sobre a visão superficial do homem sobre aquilo que o cerca. A ambiguidade dos sentidos também pode ser sentida, ora uma sensação e logo em seguida, outra que se contradiz. O tom irônico também emana em algumas ilustrações ou aparências dos personagens. Assim como o próprio título “A flor do lado de lá”, se observarmos toda a obra, perceberemos que a flor sempre aparece do lado oposto da anta, “o lado de lá”, talvez figurasse numa interpretação bem supérflua, o outro lado da página, exemplificado na imagem a seguir.



Figura 5: Recorte da Capa do Livro.

A narrativa como já observamos é passível de inúmeras interpretações, dependendo da bagagem de cada leitor, seu conhecimento e vivência; o que ressalta ainda mais o talento do autor, pois além de apresentar uma obra direcionada ao um público infantil, chama-nos atenção por meio de uma metáfora animada, permeada pela história, para a visão além do alcance dos nossos olhos e isso não para os pequenos, mas principalmente para os adultos.

A Literatura Infanto-Juvenil tem função primordial no âmbito escolar, pois é um recurso imprescindível no processo de ensino-aprendizagem, mas nem sempre usada adequadamente, logo reflete na qualidade da formação de leitores e de modo geral na qualidade da educação.

Acreditamos que falta uma maior democratização do acesso a Literatura Infanto-Juvenil, visto que, o custo para aquisição dos livros é alto, tanto para as escolas públicas quanto para o público que a frequenta. Se a mídia eletrônica fosse mais utilizada para este fim, teríamos mais leitores, pois o governo tem aplicado uma quantidade considerável de recursos em laboratórios de informática nas escolas públicas.

Diante do atual cenário, com aproximadamente 96% das crianças entre 07 e 14 anos na escola, o público leitor tem aumentado. A obra do autor Roger Mello, *A flor do*

lado de lá desperta o interesse da criança e a desafia a criar uma história que justifique as imagens, animais com sentimentos humanos.

Devemos ter o discernimento para avaliar o desenvolvimento e amadurecimento do leitor e proporcioná-los diferentes modalidades e níveis de leitura para que sua formação seja adequada ao longo do processo de aprendizagem.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil*. Gostosuras e bobices. São Paulo: Editora Scipione. 1989.

COELHO, Nelly Novais. *Literatura Infantil*. Teoria, Análise e Didática. Moderna, São Paulo, SP, 2000.

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Tradução: Vera da Costa e Silva. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MELLO, Roger. *A flor do lado de lá*. (Ilustrações do autor). – 6. Ed. – São Paulo: Global, 2004.

A TIRELESS SEARCH OF HUMAN PRESENT IN BOOK *A FLOR DO LADO DE LÁ* BY ROGER MELLO

ABSTRACT

A relentless search of the human being: represented in work *A flor do lado de lá* of Roger Mello. This article focuses on the theme of children literature: The formation of a critical reader through illustrated stories. Taking as its object of study illustrated the composition of Roger Mello *A Flor do Lado de Lá*; An analysis of possible readings that this work provides contextualizing the relentless pursuit of the human being in history represented by the desire of the tapir to get the flower away, without realizing the immensity of flowers to his back.

Keywords: analysis, child, illustration, leaning.